

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

JACQUELINE SERPA GOMES DA ROCHA

SER EDUCADOR NÃO É ESTAR PROFESSOR

Monografia apresentada para obtenção do título
de Pedagoga no Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia.

RIO DE JANEIRO

2009

À
minha família

AGRADECIMENTOS

Parte essencial deste trabalho são os agradecimentos. Através deles é possível reconhecer àqueles que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta tarefa. Dentre muitas pessoas especiais eu agradeço destacando:

Deus, em primeiro lugar, por seu amor incondicional, por ter me concedido mais que o bastante;

Aos meus pais, pelo amor, paciência e suporte durante toda a vida e esses anos de graduação;

Ao meu irmão, meu professor particular de Língua Portuguesa, pela amizade e ajuda na correção dos textos escritos neste trabalho;

Aos meus avós, Jair Gaudino da Rocha (*in memorian*) e Dinorah Gomes da Rocha (*in memorian*), Ernesto Serpa e Adelina Garofalo Serpa pelo cuidado e amor;

Aos meus tios, tias e primos, pela amizade e incentivo;

Aos meus amigos-irmãos, em especial, Nauana Faleiro Vieira, Jaqueline Leonida da Siva, Romildo Marques da Silva Filho, Letícia Peixoto Moraes Brandão, pela amizade, encorajamento e força em todos os momentos;

Aos meus irmãos da Igreja Presbiteriana do Méier, em especial ao meu pastor, Rev. Ely Gonçalves, pelas palavras de incentivo e orações;

Àqueles com quem pude conviver durante os estágios, na Creche Fiocruz, e na Escola de Guerra Naval (EGN), e perceber que o pedagogo tem papel fundamental em espaços tão diferentes;

À Prof^a. Dr^a Ângela Maria Souza Martins, minha orientadora, pela dedicação, orientação e principalmente pelo amor à sua profissão e generosidade com que ensina a seus alunos, sem dúvida um espelho e fonte de inspiração para o tema deste trabalho;

A todos os professores do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde muitos também foram fonte de inspiração nesta tarefa, e pela dedicação, empenho e motivação;

À Prof^a Dr^a Janaína Specht Menezes, diretora da Escola de Educação, pela dedicação e ótimo trabalho desenvolvido que é um diferencial.

Educa quem educará. E quem aprender a perder. Quem cuja obra, permanecer muito depois do momento de educar. Educará quem for capaz de dar no presente, com decisão, coragem e sem culpas, tudo o que no futuro fizer lembrar – ainda que com dor mas se possível com muita alegria - o momento da educação.

Artur da Tavola

RESUMO

No presente trabalho buscamos estabelecer algumas relações entre o que é ser professor e o que é ser educador. Procuramos destacar o que os torna diferentes no modo de lidar e atuar na profissão. Destacamos o que permeia a profissão docente, suas lutas, aspirações e anseios. Percorremos o caminho em busca da profissionalização ética do educador. Salientamos a importância de uma educação voltada para a humanização destacando os valores e competências necessárias a uma profissionalização coerente. Enfatizamos, assim, a necessidade da conexão que deve haver entre discurso e prática. Para realização desta tarefa, nos utilizamos também das metáforas jequitibá e eucalipto, que são bastante conhecidas da obra de Rubem Alves. Procuramos ressaltar a importância da profissão docente, destacando seu papel na/para a sociedade lembrando que não há receita para o sucesso do processo educativo.

Palavras-chave: Profissão docente, Prática docente, Docência e valores

1 Introdução

O presente projeto monográfico visa estabelecer, relações com algumas teorias e estudiosos da educação para resgatar algumas reflexões feitas ao longo do curso de pedagogia realizado na UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e propiciar outras reflexões que nos ajudam a pensar o ser educador.

A escolha do tema se deve a urgência do profissional da educação refletir sobre a sua prática e entender que ser educador é diferente de estar professor, colocando em evidência o que é um professor não profissional, e a nova forma de profissionalização, que exige a constituição de um educador ético. Sendo assim, nos dias em que vivemos onde a educação é apenas uma promessa política, é necessário aproveitar momentos cruciais como um trabalho de final de curso para fazer valer o papel do pedagogo.

Ao longo da formação na universidade nos atualizamos com os textos estudados, pesquisas e debates. Certa de que todas estas ações têm o poder de nos modificar. Quando saímos da universidade nos sentimos transformados, com uma nova concepção de mundo. Acreditamos que com a ajuda de autores como: Paulo Freire, Moacir Gadotti e Rubem Alves, podemos refletir sobre o ser professor e o ser educador.

Rubem Alves foi a verdadeira fonte de inspiração para a escolha do tema e que nos levou a refletir sobre a prática e a essência de ser educador. Em seu livro *“Conversas com quem gosta de ensinar”*, no capítulo intitulado *“Sobre Jequitibás e Eucaliptos”* o autor refere-se ao professor como sendo o eucalipto por ser esta uma árvore abundante, de galhos finos e frágeis. Já o educador é comparado ao jequitibá, uma árvore que não é comumente encontrada, tem tronco denso que é resultado de muitos anos de existência. Por isso questionamos: como se efetiva a profissão docente? Quais as dificuldades que eles enfrentam para exercer a docência? Por que escolheram ser docentes?

Procuraremos inicialmente discutir a formação docente e seus caminhos, tratando das dificuldades e desafios enfrentados pelo profissional da educação sem deixar de mencionar a visão que se tem desde a escolha da profissão até a prática docente.

Buscaremos compreender quais são os anseios e lutas de professores frente algumas exigências e demandas de um "mercado escolar" cada vez mais deformador da imagem desses profissionais, assim faremos um diagnóstico da profissão docente hoje.

Para finalizar, buscaremos destacar o que acreditamos ser essencial no ser verdadeiramente educador, ou seja, quais são os valores necessários à prática coerente, humana e transformadora que esta profissão requer.

O presente trabalho visa destacar e enfatizar a importância da constituição do profissional da educação consciente de seu papel na sociedade e das conseqüências de sua prática para a transformação de uma educação tecnicista em uma educação voltada para a humanização. Defendemos uma educação que tem o poder de renovar pensamentos e atitudes, que possa transformar a sociedade, que valoriza os diferentes espaços educativos, os cursos comunitários e outras modalidades de educação.

Para realizar este trabalho sobre o ser educador e o estar professor, escolhemos a pesquisa bibliográfica, como o intuito de fazer uma profunda reflexão sobre o que é a profissão docente.

Ao longo do processo de amadurecimento de conceitos e muitas reflexões, estabelece-se a necessidade de escrever algo que, ao longo da graduação, fez parte de pensamentos e que ratificam o sentimento de crer que a educação sempre fará a diferença na vida das pessoas que adquirem esse bem precioso

2 Os caminhos do ser professor

É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais.

Paulo Freire

Para começar a trilhar algum caminho é preciso começar de algum ponto. A escolha do que chamamos de profissão é um ponto de partida, e para chegar até ele foi preciso que muitos fatores se manifestassem como: aquilo que condiz com ideais de vida, a postura política, o status da carreira na sociedade e até mesmo a remuneração que pode levar a ascensão social.

Trazendo para a realidade brasileira e para o objeto de estudo em questão (o professor), podemos nos perguntar: o que leva um indivíduo a escolher esta profissão?

Começemos então por sua formação acadêmica. Constatamos que, nas últimas décadas, a maior parte dos educandos candidatos ao magistério são mulheres, e algumas escolheram esta área de atuação por considerarem que enquanto se preparam para serem futuras professoras, podem “esperar comodamente por um casamento” (FREIRE, 2008, p.47). Sem falar das que acreditam que o papel da professora, principalmente de educação infantil, tem haver com um “instinto maternal” que é “natural” da mulher.

Sem dúvida, todos estes fatores citados fazem com que a visão sobre as professoras seja distorcida, pois quem acreditaria que seu papel pode revolucionar pensamentos e atitudes de cidadãos desde a mais tenra idade se a própria profissional não acredita? É bem verdade que a culpa não é só delas. Algumas instituições responsáveis por formá-las também parecem não dar tanta importância para profissão docente, de modo que não há base teórica e muito menos diálogo para compartilhar experiências, o que torna a prática educativa uma “marquise sob a qual se espera a chuva passar” (FREIRE, 2008, p. 47).

Constatamos que cada vez mais, a falta de preparo dos professores, a falta do que esperar de si mesmo, de sua profissão e de seus alunos, fazem com que os professores se vejam reféns de instituições e práticas pedagógicas cada vez mais uniformizadoras. Rubem Alves reflete sobre esta situação com a seguinte metáfora:

“Uma vez cortada a floresta virgem, tudo muda. É bem verdade que é possível plantar eucaliptos, essa raça sem vergonha que cresce depressa, para substituir as velhas árvores seculares que ninguém viu crescer nem plantou. Para certos gosto, fica até mais bonito: todos enfileirados, em posição de sentido, preparados para o corte. E para o lucro. Acima de tudo, vão-se os mistérios, as sombras são penetradas e desconhecidas, os silêncios, os lugares ainda não visitados. O espaço se racionaliza sob a exigência da organização. Os ventos não mais serão cavalgados por espíritos misteriosos, porque todos eles só falarão de cifras, financiamentos e negócios. (ALVES, 2000, p.18)

O caminho que o verdadeiro professor deve trilhar é o de lutar contra uma atuação demagógica onde só encontramos discursos vazios, repletos de impessoalidade e práticas cheias de preconceitos. Devemos evitar o professor que se assemelha ao eucalipto, um ser não-ético, porque eles contribuem para a degradação da imagem dos verdadeiros educadores. Rubem Alves ainda acrescenta que este profissional *“é um **funcionário** de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas”* (ALVES, 2000, p.21) e continua dizendo que:

“Talvez que um professor seja um funcionário das instituições que gerenciam lagoas e charcos, especialistas em reprodução, peça num aparelho ideológico do Estado”. (ALVES, 2000, p. 37)

Na verdade, este tipo de professor não percebe que a sua formação precária e a irresponsabilidade de suas ações junto aos educandos contribuem para o seu fracasso. Enquanto que agir com responsabilidade, ter preparo científico, gostar do que faz, encarar sua luta diária com seriedade e dar testemunho delas, o transforma num outro ser que valoriza a profissão docente. Esses profissionais conscientes poderão formar indivíduos que serão presenças mercantes na sociedade.

Pensamos que diante da inexperiência, o professor não deve paralisar-se diante dos desafios encontrados dentro da sala de aula. Cada dia e cada novo passo dado devem ser considerados também como uma forma de conhecer-se a si mesmo, saber de suas potencialidades e pontos fracos. É importante que defrontando-se com essas situações o profissional da educação as encare como algo que o impele a buscar modos alternativos e ousar na sua prática.

A formação continuada também ajudará o professor que por sua falta de experiência pode parecer com o eucalipto, mas se destacará quando buscar entender sua prática e estiver em permanente contato com novos conhecimentos que ajudem o seu ensinar. A partir do momento em que o profissional estiver seguro de seu discurso e de seu trabalho não se deixará levar pelas boas ofertas

do *ensino bancário* (FREIRE, 1996), levará em conta que os saberes trazidos por seus educandos servirão de norte para sua prática educativa que deve ser sempre respaldada pela teoria.

A transformação do profissional da docência será possível a partir de uma formação contextualizada e humana. De modo que ele compreenda que deve ser um profissional ético e não apenas “estar” professor. Acreditamos que este **ser** professor indica algo que não se separa do indivíduo como se fosse uma máscara que se coloca quando está com seus educandos e a retira quando sai pelo portão da instituição; continua a **ser** ainda que este venha a realizar outras atividades fora da escola por isso requer um comprometimento consigo mesmo.

O comprometimento vem de não aceitar qualquer proposta de trabalho oferecida por *instituições pacoteiras* (FREIRE, 2008) que se consideram capazes de fornecer conteúdos prontos, idéias que dão aos educandos uma pista falsa de que apenas o que está escrito em apostilas ou até mesmo no conteúdo presente na fala de algum professor que se transforma em monólogo são o bastante para o processo de aprendizagem. Os educandos, diante de tais ações, se vêem incapazes de pensar sobre o que estão aprendendo e muito menos de poder criar algo que venha ao encontro de seus interesses. Eles são a peça fundamental para o movimento do processo educativo, mas cabe ressaltar que a relação entre ensino e aprendizagem é de troca contínua: quem ensina, aprende; quem aprende pode também ensinar e este processo não pode ser nunca dicotomizado.

Algumas instituições de ensino que insistem em cercear a liberdade de criação de professores e de calar a voz de seus educandos controlam o desenvolvimento de relações pessoais saudáveis que são imprescindíveis para um bom relacionamento no espaço da sala de aula (ou outro espaço qualquer que promova a educação) sem contar que este clima de liberdade é um convite para a criatividade e diálogo.

A realidade da educação, assim como a vida das professoras, seria muito diferente se todas as instituições de ensino assumissem juntamente com seus profissionais a incumbência de se tornarem provedores de conhecimento através de uma prática dialética e dialógica com seus educandos. Ensinar não pode ser igualado à transferência de ensinamentos. O ensino que não contempla a criatividade e transformação do conhecimento não deveria ser chamado de educação. A verdadeira prática educativa encontra-se em o professor reconhecer

que: *“quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”* (FREIRE, 1996, p.23)

É a partir do respeito às idiossincrasias que surgem identidades cada vez mais marcantes e seguras de si. A professora que se assumiu como tal tem nome, uma história e aceita as histórias e a identidade de seus alunos; ela se nega a ser chamada de tia e não encara isto com naturalidade. A este respeito, Paulo Freire diz que:

“A tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma “inocente” armadilha ideológica em que tentando-se dar a ilusão de adocicar a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou de entretê-la no exercício das tarefas fundamentais. Entre elas, por exemplo, a de desafiar seus alunos, desde a mais tenra e adequada idade, através de jogos, de estórias, de leituras para compreender a necessidade da coerência entre discurso e prática; um discurso sobre a defesa dos fracos, dos pobres, dos descamisados e a prática em favor dos camisasados e contra os descamisados; um discurso que nega a existência das classes sociais, seus conflitos, e a prática política em favor dos poderosos”. (FREIRE, 2008, p.25)

A professora que se nega a ser tia além de assumir um nome (afinal, em todas as profissões, todas as pessoas têm nome e nos perguntamos por que ela não teria o direito de ser chamada pelo mesmo) rompe com tradicionalismo e uma visão piegas; não permite ser diminuída e tratada como alguém que está ali por simplesmente “adorar” as crianças com quem trabalha, deixando de lado toda a sua formação acadêmica, sua luta por um salário mais digno, por sua luta política e sua ideologia.

Existem experiências pedagógicas interessantes que valorizam o profissional da educação. Enquanto estagiária da Creche Fiocruz pude observar a prática pedagógica desta instituição. Não ficava nas salas em tempo integral, mas as crianças, ainda bem pequenas, conheciam-me pelo nome, assim como conheciam suas educadoras, os trabalhadores, a equipe pedagógica, os psicólogos. Isto acontecia porque havia respeito às práticas e às áreas de atuação de cada profissional; quando eram apresentados às crianças eram apresentados pelos seus nomes (foi o que aconteceu comigo), e não como geralmente vemos acontecer: este é o tio fulano, ou esta é a tia fulana. Cito esta experiência porque, a partir de uma experiência concreta, acreditamos que isto é possível em todo e qualquer lugar que exercite o respeito às individualidades e que este exercício seja diário e natural.

Há diferença entre ser tia e ser professora:

“Professora, porém é professora. Tia é tia. É possível ser tia sem amar os sobrinhos, sem gostar sequer de ser tia, mas não é possível ser professora sem amar os alunos – mesmo que amar, só, não baste – e sem gostar do que faz. É mais difícil porém, sendo professora, dizer que não gosta de ensinar, do que sendo tia, dizer que não gosta de ser tia. Reduzir a professora a tia joga um pouco com esse temor embutido – o de tia recusar ser tia. (FREIRE, 2008, p.26)

A professora que é a principal interessada deve valorizar a sua profissão e seu profissionalismo, tendo em vista todos os anos de estudo, teorias e reflexões, quebras de paradigmas até constituir-se dona de sua prática, que com uma concepção de mundo e objetivos, que nunca serão neutros.

A caminhada do professor é árdua. Além de enfrentar termos pejorativos que supostamente identificam sua profissão (ser tia); de ouvir os pensamentos regidos por um senso comum de que para ser professora não precisa de nenhuma formação, basta gostar das crianças (ou de qualquer outro público que sua prática se dirige), vide as iniciativas de voluntários que vão até as escolas para contar histórias, oferecer reforço escolar, etc. Deixamos claro que não nos opomos a iniciativas que queiram contribuir com atividades complementares, afinal, a comunidade também precisa participar da escola, mas o que não se pode fazer é deixar é que a profissão seja banalizada. A influência de pensamentos externos prejudica e desanima este professor que já se vê rodeado de obstáculos.

É preciso romper com o senso comum, separar o que é cognitivo do que é emocional; ousadia para permanecer por muito tempo no âmbito educacional. Sabemos que as condições de trabalho do professor são bem conhecidas: *“são mal pagos, desrespeitados, e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo”* (FREIRE, 2008, p.10). O professor eucalipto age de modo não solidário, não que acreditemos que ser professor implique caridade, mas no sentido de ser solícito e consciente de seu papel diante de seus alunos.

Na caminhada do ser professor depois que se passa pelo estágio da escolha da profissão, deve-se não se acomodar pensando que já aprendeu o bastante. A jornada deste profissional é cheia de curvas, de obstáculos que podem servir de grande base para a vida profissional e levada também para a pessoal; quem trabalha com pessoas nunca pode carregar consigo pensamentos ou práticas que não condizem com a realidade, algo que foi muito bom até mesmo em um passado recente, mas no momento presente não se faz tão

importante ou relevante. A prática educativa está sempre em constante movimento.

Precisamos vencer a barreira do comodismo e rever as prioridades de nossa profissionalização. Devemos deixar para trás o papel de eucaliptos e nos tornarmos jequitibás, ou seja, verdadeiros educadores. É necessário acordar o educador adormecido em um professor e para tal deve-se ir em busca de uma formação completa e complexa, para que possa apresentar-se com troncos e galhos densos como de árvores centenárias. É urgente que educadores vençam a barreira do utilitarismo pregado por instituições de pacotes prontos para dar lugar a educação cada vez mais pautada no convívio na sociedade e voltada para o desenvolvimento de indivíduos competentes para amar.

3 Ser professor hoje

Falar do ser professor hoje implica em levarmos em consideração tudo o que envolve a sua prática dentro da escola ou fora dela; do seu comprometimento com seus alunos e consigo mesmo. Sendo assim, para haver comprometimento com alguma causa ou alguém, é necessário que haja contato; que o sujeito conheça seu objeto de estudo e se relacione com ele, mesmo que esse objeto seja ele mesmo.

Para o professor conhecer-se a si mesmo deve levar em consideração suas potencialidades e seus pontos fracos e para que isso ocorra deve haver enfrentamento de situações que propiciem uma aproximação com esses aspectos que podem ser reveladores. O local propício para que isso ocorra é a sala de aula; é neste local que os confrontos entre teoria e prática se dão, onde o professor encara seus temores em relação a sua capacidade docente, e estabelece relações interpessoais que poderão facilitar sua prática ou desafiá-la.

Difícilmente existe alguém, que diante de uma situação nova, não passou pela experiência de insegurança, pois o desconhecido leva a um compreensível receio. Mais do que isto, o contato com o que ainda não conhecemos, por exemplo, o primeiro dia de aula para uma turma que não sabemos quem são os alunos, numa escola que não conhecemos e numa localidade que não sabemos nada ou pouca coisa a respeito, tal situação precisa de nossa interferência e mediação. Podemos ser tomados pelo medo e é importante conhecermos nossos pontos fortes como profissionais da educação e encarar a nova condição como um novo desafio, pois:

“De fato, o medo é um direito mas a que corresponde o dever de educá-lo, de assumi-lo para superá-lo. Assumir o medo é não fugir dele, é analisar a sua razão de ser, é medir a relação entre o que o causa e a nossa capacidade de resposta. Assumir o medo é não escondê-lo: somente assim podemos vencê-lo” (FREIRE, 2008, p.66)

Falar de seu medo com os alunos pode ser uma experiência rica para ambos os lados, pois este diálogo servirá de movimento catártico por parte do professor que promoverá o controle do sentimento e ganho da confiança em relação aos educandos. Não se deve esconder este sentimento, por considerá-lo uma fraqueza, mas encontrar maneiras de superá-lo. “Na verdade, a assunção do medo é o começo de sua transformação em coragem” (FREIRE, 2008, p. 67)

A *leitura da classe* (FREIRE, 2008) pode ser uma grande ajuda ao professor que se depara com novas realidades quando entra em salas de aulas tão distintas. Essa prática, como o nome mesmo já revela, deve ser feita com muita atenção e cuidado, pois é cheia de detalhes a serem revelados; cada movimento, a inquietação dos olhares e reações do grupo ou individuais podem auxiliar o professor, que procura entender seus educandos e relacionar-se com eles pessoalmente e por sua prática. Para que a leitura da classe seja aproveitada em sua totalidade é preciso que nos utilizemos de alguns instrumentos para que nossa compreensão seja eficaz:

“Precisamos, por exemplo, de bem observar, bem comparar, bem intuir, bem liberar nossa sensibilidade, crer nos outros mas não demasiado no que pensamos dos outros. Precisamos exercitar a capacidade de observar registrando o que observamos” (FREIRE, 2008, p.68)

A observação e o registro das ações e falas cotidianas levam o professor consciente de seu papel transformador e democrático dentro da sala de aula, a uma avaliação de sua prática e de seus alunos mediante suas interferências e seu constante diálogo. Observações estas que devem ser revisitadas para que sirva de instrumento norteador de sua avaliação para que não ocorram constatações precipitadas que podem levar a exclusão e a evasão das escolas. Agindo de forma reflexiva, ponderando acontecimentos, possíveis avanços e retrocessos é que o ser professor hoje não pauta sua avaliação unicamente em provas, mas leva em consideração as novas aquisições e especificidades de seus alunos diante de um dado conteúdo e de seu cotidiano.

O respeito à realidade social a que os educandos se encontram poderá auxiliar o professor que deseja aproximar-se da turma. Tendo real consciência de que os saberes que eles carregam consigo, são os que os caracterizam dentro de um determinado contexto. Se, por acaso, o professor descartar esses pensamentos e concepções de mundo, poderá não obter sucesso na sua prática.

A educação requer diálogo e respeito. Mesmo que certo pensamento parta de um senso comum, caracterizado pela “curiosidade ingênua” (FREIRE, 1996) poderá, com a mediação do professor, tornar-se “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1996) sem que haja a perda de sua essência.

A curiosidade promove a criatividade e gera o conhecimento que vem sendo construído ao longo de muito tempo; sofre a influência do homem e se modifica.

Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE,1996,p.32)

Interagindo com os educandos e deixando que os sentimentos também tomem conta de sua prática permitem ao professor compreender e fazer relações entre os fatos que ocorrem dentro da sala de aula. Seus alunos percebem que o seu comprometimento não é o ensino mecânico de conteúdos, mas tem interesse pelos contextos social, cultural e econômico nos quais os educandos estão inseridos. Acreditamos que com sensibilidade ao lidar com as classes populares que são ignoradas e tratadas com descaso na nossa realidade brasileira, o educador pode promover uma luta política pela mudança do mundo em que vivemos.

Em uma situação em que deparamo-nos com crianças que vêem seus sonhos se esvaírem pela crueldade de não poderem ser o que são (apenas crianças) faz-se necessário que professores que são comprometidos com sua profissão, amorosos e competentes se tornem provedores de esperança. Neste caso a tia o tio de quem já falamos não encontra lugar.

Tudo o que propomos é verdadeiramente lindo de escrever ou de falar, mas realmente difícil de executar. Neste caso não basta apenas querer; tem que *saber querer* (FREIRE, 2008), o que requer outras vontades como, por exemplo: *saber lutar politicamente com táticas coerentes com nossos sonhos estratégicos* (FREIRE, 2008). O que não podemos é cruzar nossos braços e nos rendermos ao conformismo ou nos acomodarmos.

Ser professor hoje implica em não somente compreender o conteúdo que ensina aos seus educandos, mas muitas vezes se encontrar com os mais íntimos anseios e medos deles. As escolas que se situam em localidades marcadas pela violência acolhem crianças que encontram na instituição a esperança de um dia poder sair de onde moram e ir para um lugar onde seu futuro não está marcado pela brutalidade com a qual convive. Não é incomum ouvir de mães de crianças ainda bem pequenas e que moram nessas localidades, de que levam as crianças para escola porque a consideram um refúgio para que seus filhos não se envolvam com drogas, seja pelo tráfico ou pelo uso. Diante deste quadro é possível sentir que a sociedade deposita na escola a esperança de um futuro melhor. Agora temos de nos perguntar: O que queremos de nossos educandos?

Que saibam que existem alternativas ao mundo do crime ou saber que quem eles querem ser quando crescer é o chefe da boca de fumo?

Sabemos que o que relatamos não é novo para muitos educadores experientes ou para aqueles que ainda sequer estiveram em uma sala de aula. É de nosso conhecimento também que as relações interpessoais estabelecidas em sala de aula propiciam mudança de atitudes e pensamentos por parte de educandos.

Um dos principais compromissos que o professor deve ter com seus alunos e consigo mesmo é que sua prática seja coerente com a teoria. Se a relação teoria e prática não andarem juntas, de certo será desastroso. O que aconteceria se, por acaso, na fala de um professor, este enaltecesse a beleza da liberdade de expressão, mas quando sua proposta para a turma fosse a produção de um texto, ela delimitasse de modo rígido a forma da escrita? De fato, os educandos, que são muito atentos ao relacionar o que o professor diz e o que o professor verdadeiramente faz, se rebelariam e ficariam desanimados.

“E entre o testemunho de dizer e o de fazer, o mais forte é o de fazer porque este tem ou pode ter efeitos imediatos. O pior, porém, para a formação de educando é que, diante da contradição entre fazer e dizer o educando tende a não acreditar no que a educadora diz” (FREIRE, 2008, p.76)

Quando a contradição, ou até mesmo chamada de hipocrisia do discurso de um professor se apresenta, ainda que seja com a melhor das intenções e não por querer, esta situação leva ao descaso em relação a prática educativa que já é tão atacada pelos que acreditam que a educação que dá certo é somente para os ricos, e que as camadas mais pobres sofrem um discurso totalitário de que a educação para eles não é saída.

A incoerência pode partir também de outro ponto de vista: a visão de um professor que se enfraquece a cada vez que se nega a si mesmo juntamente com suas convicções e anseios, que não conseguiu superar o medo em face de sua pouca prática e também o de perder seu emprego.

As pressões que o professor sofre hoje por parte da instituição de ensino a qual estão vinculados sufocam sua criatividade e sua criticidade. A necessidade do cumprimento de um cronograma enjaula sua liberdade de criação. Ainda podemos ver, por exemplo, escolas que levantam a bandeira do construtivismo sócio interacionista de Vygotsky que trabalham com métodos tradicionais, mas esconde esta concepção com uma suposta “liberdade” de criação que é

confundida com “libertinagem pedagógica”; onde o planejamento da professora está preso a um cronograma a ser cumprido e por muitas vezes nem mesmo existe.

Uma professora que está bem preparada nem sempre, no início de sua carreira profissional, encontrará uma boa escola para atuar, pondo em prática os ensinamentos que aprendeu na universidade. Neste caso, é importante mesmo em situações adversas e que contrariem seus pensamentos, estes continuem firmes, pois, com certeza, o professor encontrará meios de atuação visando a ampliação do conhecimento de seus alunos. O que não pode acontecer é que se contradiga assumindo e interiorizando práticas “pacoteiras” (FREIRE, 2008) e acatando-as com a naturalidade de quem já se deu por vencido.

O professor que compreende sua prática e sabe lidar com seus medos e sua ansiedade, não se vê preso a moldes autoritários e a uma prática docente que corre solta, sem limites, sem objetividade e que nada significa tanto para ele quanto para seus educandos.

Dentro de uma sala de aula o professor é autoridade, o que não pode ser confundido com autoritarismo. O professor na primeira condição estabelece limites que são necessários a uma boa convivência e propiciam o conhecimento, mas o autoritarismo reprime a criatividade e a comunicação entre professores e educandos.

A humildade, exigência do *pensar certo* (FREIRE, 1996), implica em entendermos que não existe ensinar sem aprender. O professor que pensa certo jamais poderia pensar que o conhecimento absoluto encontra-se com ele ou em suas concepções do que é certo ou errado. O pensar certo exige que aprofundemos a reflexão sobre nossos objetos de estudo. As relações de ensino e aprendizagem são complexas, concordando plenamente com o que Paulo Freire (1996, p. 47) diz: “ensinar não é transferir conhecimento”. Quanto a nós, enquanto professores, temos que estar em sala de aula com toda a nossa consciência de que, para que os educandos entendam o que falamos, eles precisam indagar, refletir, satisfazer sua curiosidade, colocar seus pensamentos e concepções a cerca do que estamos falando. Desta forma, assumindo que não somos detentores de um conhecimento, pois ele está sempre em movimento, promoveremos, ao invés de aulas onde o professor é o centro do conhecimento e do saber, o ensino dialético de conteúdos e jamais a transferência deles.

Para que o diálogo esteja sempre presente na sala de aula, o professor deve conhecer de fato o que está ensinando porque pesquisou e estudou sobre o assunto da aula; ele se apropriou dos conhecimentos para que pudesse, de forma dialógica, apresentar o conteúdo a turma e com eles poder acrescentar algo novo à suas experiências e a dos educandos também.

É importante, já que falamos em construir o conhecimento de forma dialógica, que o professor esteja inserido no contexto social daquele grupo em que assumiu. Se não houver um contato direto com os educandos, principalmente os que estão em nossa sala de aula, não conseguiremos chegar até eles visto que pouco saberemos a seu respeito, não teremos acesso a maneira como pensam e dificilmente entenderemos e poderemos perceber o que já sabem e o que não sabem.

A intervenção da educadora comprometida com o sucesso de sua prática, que está inteiramente ligada ao sucesso de seus alunos, possibilita que os educandos se sintam bem no espaço escolar e propicia construção da autoconfiança, que não é somente aparente exteriormente, mas faz parte de sua constituição como sujeito dono de sua autoconfiança.

“minha convicção é que não há temas ou valores de que não se possa falar nesta ou naquela área. De tudo podemos falar e sobre tudo podemos testemunhar. A linguagem que usamos para falar disto ou daquilo e a forma como testemunhamos se acham, porém atravessadas pelas condições sociais, culturais e históricas do contexto onde falamos e testemunhamos. Vale dizer, estão condicionados pela cultura de classe, pela concretude daqueles com quem e a quem falamos e testemunhamos.” (FREIRE, 2008, p.79)

Temos que enfatizar que o comprometimento com o testemunho de luta dos professores “progressistas” (FREIRE, 2008) vai de encontro com a convicção de que não são meros “ensinantes” (FREIRE, 2008) tem um compromisso que vai além de sua disciplina ministrada, requer engajamento com o combate às injustiças sociais. E mais uma vez, dando testemunhos de sua luta é importante que a sua fala não seja meramente exterior, mas sim algo que faz parte de suas escolhas do dia a dia; tem que ser algo bastante visível não apenas ao falar, mas também no agir.

Os educandos esperam a confirmação do discurso do professor e é bem possível que tentem testá-la querendo verificar sua coerência. Neste caso, Paulo Freire (2008) diz que seria desastroso se a professora não aceitasse o desafio ou reagisse mal. Ainda coloca que os educandos fazem isto para se certificarem de

que não serão decepcionados, mas evidentemente que existem aqueles que apenas querem testá-la visando o seu fracasso.

É um desafio do ser professor hoje, que não confie demasiadamente em si mesmo a ponto de não admitir que seja colocado à prova por seus alunos. A humildade em reconhecer que todos somos seres humanos passíveis de erros, revela que não somos perfeitos e infalíveis.

“Em suma, as relações entre educadores e educandos são complexas, fundamentais, difíceis sobre o que devemos pensar constantemente. Que bom seria, aliás, se tentássemos criar o hábito de avaliá-las ou de nos avaliar nelas enquanto educadores e educandos também” (FREIRE, 2008, p.82)

De fato esta é uma tarefa muitas vezes exaustiva. Não o ato de pensar sobre a sua prática, mas pôr em prática toda sua sensibilidade ao ensinar. Infelizmente vivemos em uma realidade em que os professores são muito mal pagos e, em igual proporção, muito pouco reconhecidos. Sua rotina é cansativa, pois é difícil encontrar um professor que se dedique a uma só turma ou a uma só escola. Ora, esta é a luta pela sobrevivência que os professores enfrentam; vivem em uma corda bamba tentando equilibrar sua vida. De um lado a necessidade de suprir suas necessidades como pessoa e outra a de estar sempre em contato com novas tecnologias ou métodos que atualizem a sua prática.

Daí vem a luta por melhores salários. Não se relaciona ao ganhar bem por ganhar, mas o de ter seu trabalho reconhecido e ter condições de se manter atualizado para que seu trabalho não seja enfadonho e desconexo com sua própria realidade, a de seus educandos. O professor não pode “dar aulas” com um conteúdo de que apenas ouviu falar.

“a formação científica das professoras iluminada por sua clareza política, sua capacidade, seu gosto por saber mais, sua curiosidade sempre desperta são dos melhores instrumentos políticos na defesa de seus interesses e de seus direitos. Entre eles, por exemplo, o de recusar o papel de puras seguidoras dóceis dos pacotes que sabichões e sabichonas produzem em seus gabinetes numa demonstração inequívoca, primeiro de seu autoritarismo; de sua absoluta des-crença na possibilidade que têm as professoras de saber e de criar”. (FREIRE, 2008, p.16)

Rubem Alves faz uma constatação a partir da descrição de Marx acerca do trabalhador que vive sob a condição de alienação:

“A contradição é a mesma. De um lado, a possibilidade ausente do trabalho como experiência expressiva, lúdica, criadora, por meio da qual o trabalhador compõe, como se fosse um artista, o seu próprio mundo. Do outro, trabalho sem investimento erótico, que não se faz pelo prazer que dele se deriva, mas apenas porque com ele se ganha, o trabalhador pode se dar ao luxo de se dedicar um pouco àquilo que se gosta, fora do trabalho” (ALVES, 2000, p.29)

É neste sentido que trabalhadores sonham e contam os dias para a aposentadoria, para que enfim possam se dedicar a algo que lhes dê verdadeiro prazer. *“Neste contexto, e apenas nele, que a aposentadoria faz sentido, e se apresenta como um ideal de libertação”* (ALVES, 2000, p.29)

Neste caso podemos constatar claramente o que consideramos “estar professor”. Este profissional, se é que assim podemos chamá-lo fez da educação um meio de apenas se sustentar. Não se envolveu profundamente, pois apenas concentrou suas energias e seus sonhos em algo que estava bem distante de sua realidade, mas que um dia poderia libertar-se com a chegada da aposentadoria.

Podemos encontrar vários professores que realmente esperam isto para suas vidas. Existem alguns que se planejam a vida inteira, economizam e, até mesmo, dedicam o seu tempo livre (fora da escola) para investir em algo que lhe dá realmente prazer, mas isto encontra-se fora dos muros da escola e bem afastada da realidade de seus educandos; não conhece as necessidades de seus educandos e age de forma mais positivista possível, não interage com o seu objeto de estudo.

Um profissional assim não consegue engajar-se em nenhuma causa que envolva o gasto de seu tempo fora da sala de aula. Neste local ele está professor, mas quando sai pela porta da escola pode ser o que realmente quer ser.

Em contraponto a esta visão, poderá, porém alguém que ama o que faz deixar de fazê-lo por pressões exteriores a sua própria vontade de sempre estar em contato com a coisa amada? Com certeza o professor que está seguro do que do que realmente escolheu para si, jamais poderá desanimar em função de discursos fatalistas; nunca se afastará de seu objeto de amor profundo mesmo que coloquem este sentimento à prova ou venha, por ventura a se decepcionar. O diálogo e a reflexão sobre os problemas enfrentados sempre farão parte de seu cotidiano pra que esta relação se fortaleça.

Não temos o intuito de, com este capítulo, rechaçar a figura do professor, pois como em todas as profissões existem os bons e os maus profissionais, mas destacar a prática consciente em meio a tantas adversidades encontradas em seu caminho. De fato, são muitos os desafios do ser professor hoje, mas é na sua prática cotidiana que se obtém resultados para a caracterização de uma boa profissionalização deste profissional.

4 Para ser educador

O educador, pelo menos o ideal que minha interioridade constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e por seus horizontes utópicos.

Rubem Alves

Consideramos que, para ser educador, assim como o jequitibá, ele deverá deixar sua marca no tempo. Mesmo, que a matéria física do educador acabe, sua prática estará sempre viva; o tempo passará e mesmo que hajam novos modismos para a educação no futuro, o seu comprometimento com seus educandos será levado a muitas gerações. O seu ideal de educação, muitas vezes considerado utópico e inalcançável, será perseguido até que consiga ver algum vestígio de mudança.

O educador, além de ser comprometido com a educação e com seus educandos, é comprometido consigo mesmo; é um incansável na luta pelos seus direitos como pessoa e como trabalhador e busca conscientizar seus alunos e todos que o cercam de que a educação não é algo falido e muito menos pode ser corrompido por interesses de poderosos.

A visão de seu trabalho não é árdua o bastante para que possa desistir facilmente, porque o sucesso de sua prática está ligado ao seu pessoal. Não existe essa desconexão entre trabalho e vida real. A realidade está na sala de aula e no seu dia-a-dia.

Ainda que existam situações adversas em seu trabalho, são elas que fazem com que continue. O sucesso da prática do verdadeiro educador ecoará não só no seu tempo, mas em tempos futuros dando a real noção de que um trabalho bem feito e consciente pode motivar outros professores que se sentem desmotivados a persistir.

Jequitibás e eucaliptos: ambos são árvores. Podemos constatar também a respeito de professores e educadores: seus papéis principais estão vinculados à escola. O que acontece é que em essência são diferentes. O professor que emprega criticidade em sua prática na sua relação com os conteúdos ministrados a seus alunos, sabendo que também pode aprender com eles já está contribuindo para uma educação que se constrói em conjunto pelas trocas constantes entre

eles. Estes fatores já foram mencionados no capítulo anterior e ressaltada a sua importância.

Este professor, de fato faz um bom trabalho quando dá significado à aprendizagem dos conteúdos. Mas isto apenas não basta. Neste ponto entra em ação o verdadeiro educador, que além de ter consciência de que o sucesso da educação está em uma prática reflexiva e construtiva, ele também sabe que a educação destas pessoas não está meramente em sala de aula, mas na emancipação destes como sujeitos.

Não podemos cair na armadilha de que o treinamento técnico e a transferência de um conhecimento puramente tecnológico será a ferramenta necessária para o educando enfrentar o mundo ao sair de dentro dos muros da escola. Os que acreditam nesta concepção que aliena consideram que estarão preparando seus alunos para o futuro que os espera, como se o mercado de trabalho fosse a única luta que enfrentarão. Podemos pensar que este tipo de educação forma o indivíduo única e exclusivamente para executar tarefas.

Em contraponto a este pensamento defendemos que o respeito à natureza do ser humano não está desvinculado e alheio a sua formação moral.

Rubem Alves diz que: *“Eucaliptos não se transformarão em jequitibás, a menos que em cada eucalipto haja um jequitibá adormecido”*. (ALVES, 2000, p.26). Mas afirma que não há receita para que o despertar aconteça.

“Pensar certo (...) demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo. Mas não há pensar certo à margem de princípios éticos, se mudar é uma possibilidade e um direito, cabe a quem muda – exige o pensar certo – que assuma a mudança operada” (FREIRE, 1996, p.33)

A coerência que exige o *“pensar certo”* requer que ao mudar não se faça de conta que não mudou, pois esta transformação deve ser nítida. As palavras, proferidas pelo educador que pensa certo, são nada menos do que sua vivência. Se não acontecer desta maneira, é possível que caia em descrédito levando ao desânimo de seus educandos. A segurança presente em seus argumentos, ainda que confrontada com uma opinião contrária, continua firme não tomando estes pensamentos como pessoal levando à uma *“raivosidade”* (FREIRE, 1996) que não é medida e excede à razão da própria discordância. Este sentimento de raiva excessivo não faz parte do pensar certo, pois este também requer generosidade.

O educador que está sempre em contato com novas formas de pensar sua prática e assim, de igual forma a educação, consegue ponderar suas concepções com o que se apresenta como algo novo. Porém, aceitar algo somente porque é novo seria uma falta de senso, pois o que também se encontra antigo (mas não empoeirado) continua marcando sua presença não apenas no sentido cronológico.

O educador que tem a consciência do pensar certo, também não se firma exclusivamente em sua teoria porque não acredita na discriminação de outros pensamentos confiando que sua prática não é apenas resultado de seus anos de estudo e até de uma prática de sucesso. Sempre está em contato com outros profissionais, buscando entender suas práticas e confrontá-las com as suas com a finalidade de crescimento qualitativo de sua atuação em seu campo de trabalho. Este profissional não acredita que somente a sua teoria e sua prática são as únicas que dão certo, pois o verdadeiro educador não se ensoberbece.

Outro fator importante que assinala não só uma prática significativa com os educandos é o diálogo com os mesmos. Através desta atitude importante podemos saber o que os alunos já conhecem, poder entender e interagir de forma a ampliar seus conhecimentos. Requer também que nos interessemos pela realidade cultural de nossos alunos e mais: Paulo Freire (1996) nos diz que devemos “assumir” a identidade cultural sabendo o que ela representa em nossa vida, quando a assumimos e o que representa para os educandos.

“Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e com o professor ou a professora ensaiam experiência profunda em assumir-se. Assumir-se como ser social e historicamente como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar”. (FREIRE, 1996, p.41)

Quando assumimos a nossa identidade cultural, não quer dizer que devemos ignorar ou excluir as outras. Atuando desta forma estaremos contribuindo para a concretização de uma “educação progressista” (FREIRE, 1996) visando a qualidade de ensino não somente pelos conteúdos, mas pela complexidade da educação voltada para a conscientização do papel dos indivíduos no mundo em que vivem.

A preocupação com a humanização daqueles que vivem sem um sentido verdadeiro de ser e atuar no mundo por serem sempre vistos como objetos, “coisas” que servem somente para o interesse de políticos (salvo as exceções)

durante a eleição caem no esquecimento. Quando assumem os cargos, esses políticos nem sequer lembram-se daquelas pessoas humildes as quais prometeram melhoraria de vida dando tijolos e outras coisas que conhecemos muito bem. Se não se lembram nem das promessas, como lembrarão das pessoas?

São estes cidadãos humildes, os seres *oprimidos* (FREIRE, 1981) e os poderosos seus *opressores*. Os segundos, por serem materialistas e acreditarem que *ser é ter* crêem que com estas ofertas podem comprar os que realmente precisam de suas ofertas e as confundem com caridade quando ter onde morar é um direito.

Neste momento também o educador consciente de seu papel político na sociedade se faz presente. Outro aspecto de sua prática revolucionária é a sua luta contra a desumanização com a qual os poderosos se aproveitam. O diálogo sempre presente no cotidiano deste profissional ajuda no sentido de que os temas significativos para seus educandos sejam debatidos em sala de aula. Desta forma então, poderá saber o que passa na vida de seus educandos para que possa discutir com eles o que é preciso para que essa situação de dependência da voz de outras pessoas seja revista para que eles possam se manifestar com a própria voz, sabendo de seus direitos e seus deveres também.

A partir do conhecimento de seus direitos e deveres como cidadãos, estes podem lutar pelo que Paulo Freire chama de SER MAIS que é a luta pela superação da situação de opressão que os oprimidos se encontram, e demonstrarem sua repulsa a ação dos que os colocam na situação de violência e desumanização do SER MENOS.

“A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm a sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do SER MAIS. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero”.
(FREIRE, 1981, p. 30)

O grande sentido da libertação não é alcançado quando o oprimido luta contra quem os fez SER MENOS, mas na busca pela libertação se si e dos seus opressores. A libertação só será alcançada não como quem apenas ouviu falar sobre ou quem até mesmo fala deste ideal como se fosse algo fora de si, como algo que não afeta a sua vida. Mas pela práxis, que não é simplesmente o

pensamento ou a reflexão sobre algo, e sim ação que poderá transformar o mundo, se faz imprescindível na luta opressor-oprimido.

A “*pedagogia do oprimido*” tem sua prática pautada no interesse pela luta daqueles que vem sendo oprimidos pela desumanização e em consequência disto o SER MENOS tomando o lugar de SER MAIS. A construção e ação desta prática requerem contato, porque, do contrário não se efetivará. O interesse pela causa da opressão tem que ser estudada e vivificada pelos oprimidos e não entregue prontamente para os mesmos. Afinal, o principal interessado nesta luta deve se fazer presente e consciente daquilo que escolheu para si que é libertar-se de seus opressores.

Neste íterim de luta, nos deparamos com uma contradição: nem sempre o oprimido assume um papel diferente de seu opressor, não por desconhecer que são oprimidos, mas porque não encontram saída para esta situação. Sendo assim, contraditoriamente, eles não almejam a libertação, mas a identificação com seu opressor.

O educador-pedagogo que tem consciência de seu discurso libertador sabe que a luta dos oprimidos “*será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade...*” (FREIRE, 1981, p.32) da qual não faz parte a luta pela liberdade e humanização.

O comodismo atrapalha a conquista da liberdade pelos oprimidos, pois muitas vezes se sentem acomodados com a estrutura opressora e se sentem incapaz de assumir o comando de suas vidas. O medo de lutar surge quando se vêem lutando com os poderosos e também pelo medo de sofrer com maiores repressões. Neste caso se deparam com a situação de que “*não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser*”. (FREIRE, 1981, p.36)

A liberdade é sonhada pelos oprimidos e pelos opressores. Os primeiros sonham para tê-la, mas os opressores em não perdê-la. Sua conquista é resultado da busca permanente por não tê-la e superação da situação de opressão.

Esta luta só se dá verdadeiramente quando os oprimidos se assumem como tal e lutam contra seus opressores superando a contradição de se

parecerem com eles ao conquistarem a liberdade e reconhecem que vivem no campo da limitação que os prende silenciosamente.

Sendo assim, a superação da contradição em que se encontram os oprimidos, além de reconhecerem-se oprimidos, esta constatação deve levá-los a engajar-se na luta por sua libertação.

O educador deve estar sempre próximo de seus alunos. Conquistando esta proximidade saberá de suas lutas, e com o intuito de contribuir para a formação político-crítica de seus educandos, deve estabelecer um diálogo franco e comprometido. Deve mostra-lhes que existe saída para a situação opressora em que vivem e para isso a luta deve ser conjunta. Deve tocar no problema a fim de motiva a procura por uma solução construída em conjunto.

Quando o educador se torna um professor (salientando que não é nenhum demérito, mas são posições distintas e o educador também é um professor) ele se preocupa em formá-los para o mundo cruel da competição para conseguir um emprego, mas quando assume sua verdadeira função complexa, constrói com seus educandos a segurança de si, ao saberem quem são, para onde vão e o que eles verdadeiramente pensam de seu futuro, já que também é papel do verdadeiro educador mostrar que há futuro para seus educandos e que ninguém vai alcançá-lo, nem mesmo o educador, mas eles próprios.

“A ação libertadora, pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de coisas. Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feita por outros”. (FREIRE, 1981, p.58)

Como já salientamos a necessidade e a importância da aproximação por parte de educadores aos seus educandos, outro ponto importante a saber é que na conquista da confiança se estabelecerá uma forma para superação da desumanização tão recorrente e aparente nas classes menos favorecidas. Esta consciência de que mudar é preciso não pode ser vista como uma entrega pronta para ser executada como se fosse um pacote, é preciso conscientização para que seja autêntica.

A *Liderança Revolucionária* (FREIRE, 1981) que compete ao educador consciente deve ter um objetivo claro para que possa atuar de forma dialógica com seus alunos com a finalidade de fazê-los reconhecer que a sociedade na qual estão inseridos é excludente e somente de forma conjunta poderão criar e

recriar situações para que possam agir favorecendo a expressão de sua personalidade e seus pensamentos numa luta que foi idealizada por eles mesmos.

"Educador e educandos (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram em uma tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento" (FREIRE, 1981, p.61)

Consideramos que a consciência do educador deve propiciar a interação e a co-participação, de modo que leve os oprimidos a perceber a necessidade do engajamento em lutas que os libertem.

O que temos que combater firmemente também é a atuação da "educação bancária" (FREIRE, 1981) que tem como sua principal prática a acumulação do saber como se fosse realmente um banco, onde na mente dos educandos são depositados os conhecimentos que são arquivados e guardados.

A visão "bancária" do saber por não ter compromisso com a formação integral dos sujeitos, procura firmar-se em saberes absolutos gerando alienação. Sua prática se fundamenta no acesso a conteúdos que os tornarão competentes para um futuro competitivo no âmbito do mercado de trabalho ou outros campos que seja necessário um bom conhecimento das disciplinas ministradas, embora saibamos que o mais importante, é buscar o real significado da escola, para que servirão os conhecimentos construídos neste espaço educativo e saber que foram eles que o construíram.

A *educação bancária* tem se caracterizado por: anular o poder criador; estimular a ingenuidade e não a criticidade; satisfazer o desejo dos opressores agindo de forma generosamente falsa; não estimular o pensar autêntico; favorecer uma ação social de caráter paternalista.

Mas como o educador terá seu lugar para atuar se o que caracteriza seu trabalho não é importante ou reconhecido pela *educação bancária*? Esta concepção *aliena a ignorância* (FREIRE, 1981), o poder nos parecer forte, e nos torna, muitas vezes, impotente, nos leva a negar a educação e o conhecimento como processos que se constroem mediante a busca.

Segundo Paulo Freire, fazem parte da *educação bancária* as seguintes ações e concepções que citaremos abaixo:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;

d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que escutam docilmente;
e) o educador é o que disciplina; os educandos os disciplinados;;
f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 1981, p.67)

Nestes moldes a educação e seu poder criador são anulados, pois os indivíduos não transformam o mundo; se adaptam a ele. Deste ponto podemos perceber e ratificar a visão dos homens como seres em um processo de ajuste e adaptação.

Por outro lado, a educação libertadora tem o impulso de agregar, com a finalidade de superar a contradição educador-educandos, de tal maneira que ambos sejam educadores e educandos.

O educador humanista por sua vez, deposita toda a sua crença no valor que os homens têm e em seu poder criador que vai de encontro a “*educação problematizadora*” (FREIRE, 1981, p.84) que os consideram como “*seres históricos à sua historicidade*” (*idem*, 1981, p.84) e se reconhecem como seres inconclusos, movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo.

A prática educativa que realmente investe sua energia na capacidade humanista de seus educandos não é dada da noite para o dia, e isto os educadores têm que ter consciência, devem lidar com a impaciência de querer ver a sua prática surtir efeito de imediato, pois as mudanças levam tempo.

Destacamos o que consideramos importante para a atuação de um educador que busca melhorar a sua prática. Paulo Freire, em seu livro intitulado “*Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*”, descreve as “*qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas*”. (FREIRE, 2008, p.55)

A primeira qualidade ressaltada é a *humildade* que requer o respeito, de modo que se deve ouvir os educandos sem acreditar que é superior a eles e sem classificá-los. Para um educador se conscientizar da verdadeira humildade, é preciso que ele se conscientize de que está ali também para que ouça as

experiências de seus alunos. Ser arrogante, impondo sua opinião apenas por se considerar superior não é uma atitude humilde. A segurança que o educador tem ao ser testado por seus educandos também fará todo o diferencial para que ele possa, através de um diálogo sincero, se tornar próximo sem impor seus pensamentos a ninguém. Sendo assim a humildade em seu trabalho e nas relações interpessoais que estabelece em sala de aula se oporá ao autoritarismo.

Em seguida, a *amorosidade* que é pré-requisito da qualidade anterior, dá sentido ao trabalho, não somente com os alunos, mas com a prática educativa em si.

“É preciso contudo que esse amor seja, na verdade, um “amor armado”, um amor brigão de quem se afirma no direito ou no dever de ter o direito de lutar, de denunciar, de anunciar”. (FREIRE, 2008, p.57)

É essa forma de amar que se faz indispensável ao educador consciente e que nós devemos aprender e viver.

A terceira qualidade ressaltada é a coragem. Esta vem junto com a amorosidade, pois para amar é preciso coragem. A superação de nossos medos e preconceitos é a grande aliada na tentativa de aproximação com os educandos. Deve estar sempre presente, na superação das dificuldades; quando o educador se vê na posição de conscientizar seus alunos mostrando que é preciso lutar contra as injustiças existentes na sociedade.

A quarta qualidade é a *tolerância*, é a que deve estar presente num trabalho pedagógico sério, pois sem ela é impossível que se estabeleça uma prática educativa que é a favor da democracia. Muitas vezes ela pode ser confundida com conivência, mas encontra seu significado quando convivemos com idéias contrárias, respeitamos e aceitamos o diferente sem hipocrisia.

“Tolerância é virtude. Por isso mesmo, se a vivo, devo vivê-la como algo que assumo. Como algo que me faz coerente: primeiro com o ser histórico, inconcluso que estou sendo, com minha opção político- democrática. Não vejo como possamos ser democráticos sem experimentar, como princípio fundamental, a tolerância, a convivência com o diferente.” (FREIRE, 2008, p. 59)

Para aprender a ser tolerante é preciso que haja responsabilidade, pois sem ela não há democracia. Para que haja tolerância, é preciso que sejam estabelecidos limites e princípios que devem ser respeitados. Ao contrário de ser conivente com o que é intolerável, a tolerância tem como princípios: o respeito, a disciplina e a ética.

A quinta qualidade é a *segurança*, que é uma virtude, pois “*requer competência científica, clareza política e integridade ética*” (FREIRE, 2008, p. 61). Não há possibilidade de um educador se dizer seguro, se não fundamentar cientificamente sua ação. Se não se perguntar por que atua de uma maneira e não de outra e qual é a sua finalidade.

Consideramos a *parcimônia verbal* a virtude fundamental e que não pode faltar a nenhum educador. Ela exige sabedoria, pois é necessário saber conviver com a tensão entre a paciência e a impaciência. A primeira sozinha pode conduzir ao imobilismo, a comodidade e a inatividade das práticas educativas e não favorecer a espontaneidade. Por outro lado, a segunda, desacompanhada da primeira, pode levar o educador a uma ação individualista e egoísta.

“A parcimônia verbal está implicada na assunção da tensão paciência-impaciência. Quem vive a impaciente paciência dificilmente, a não ser em casos excepcionais, perde o controle sobre sua fala, dificilmente extrapola os limites do discurso ponderado mas energético”. (FREIRE, 2008, p.62)

Encontrar boa medida entre essas duas atitudes (paciência e impaciência) levará o educador a se aproximar de seus educandos, por considerar que a prática educativa, para cada um deles deve representar pensamentos distintos.

É virtude fundamental para uma educação democrática a *alegria de viver*. Sem ela não conseguiríamos conviver com as nossas discordâncias de pensamentos em relação ao nosso pensamento livre e seríamos sufocados pelas práticas exclusivamente restritas a conteúdos programáticos. Os educadores devem enfrentar o menosprezo conferido a sua profissão e encarar os desafios diários de quem sabe porque e por quem luta.

De fato o que faz de alguém um verdadeiro educador é muito mais o comprometimento com uma sociedade melhor. Para isto, como descrevemos, é mais do que uma mera profissão, é um modelo de vida a ser seguido até por aqueles que não estão diretamente ligados à escola. Seu papel é dar um pouco mais de sentido à vida de seus educandos, sejam eles de classes mais humildes ou não. O compromisso do educador, que assume sua identidade complexa e importante na sociedade, sabe que seu trabalho vai além do que fazer com que os educandos passem de ano, estes devem aprender valores necessários para a vida e viver conscientemente por isso, consideramos que o processo educativo perdura a vida inteira e o educador é aquele que auxilia no semear deste

processo, por isso o educador, simbolicamente é o jequitibá, árvore centenária e sólida.

Considerações finais

*Aventurar-se causa ansiedade, mas
deixar de arriscar-se é perder-se a si
mesmo...
E aventurar-se no sentido mais elevado
é precisamente tomar consciência de si
próprio.*

Kierkegaard

Quando, ao longo deste trabalho, expressamos nossos anseios perante os obstáculos encontrados no caminhar da profissão docente, acreditamos que com muito esforço, consciência e luta, conseguiremos superar as dificuldades com que nos deparamos e, finalmente, poderemos falar que a escola é um lugar que propicia ampliar conhecimentos, criar oportunidades, formar para a vida, e não é apenas um lugar de exclusão.

Acreditamos que o professor *eucalipto*, muitas vezes se vê perdido em meio a tantas imposições e interferências em seu trabalho por parte da escola e suas concepções de educação, exigências dos pais (mais aparente nas escolas particulares) sempre interessados em ver os cadernos de seus filhos cheios de deveres e, muitas vezes, não valorizam o pleno desenvolvimento do filho. Diante desse cerco que se fecha em torno deste professor, fica realmente difícil deixar de ser um professor *eucalipto*, abandonando a prática da *educação bancária*, afinal são ainda poucas as iniciativas que consideram os indivíduos como o centro do processo educativo; muitos ainda estão preocupados com os conteúdos, pois muitas vezes, a maioria das pessoas acredita que são os conteúdos veiculados pela prática pedagógica que representam um diferencial importante para os indivíduos que pretendem enfrentar o mundo do trabalho.

O que defendemos é que não haja separação entre vida e escola; ambas estão inteiramente interligadas e devem dialogar entre si. Sabemos que o conhecimento é construído e a curiosidade dos educandos é fundamental neste processo de construção, assim o que estão aprendendo foi construído por eles e não simplesmente depositado em algum lugar que cairá no esquecimento.

O educador consciente de seu papel e importância na construção de uma sociedade efetivamente humana, pautada no respeito às diferenças, na consciência que sua atuação no mundo pode auxiliar na mudança de seus educandos. A ousadia que marca o início de uma caminhada é o segredo para

continuar, quando muitas forças contrárias impedem o verdadeiro educador prosseguir e viver o que realmente acredita.

A prática é o que valida a teoria, por isso é que a primeira sozinha pode se perder e se corromper por modismos e interesses; a segunda, quando vem desacompanhada da primeira se torna apenas um discurso vazio e que portanto dizer e pouco fazer tem grande probabilidade de cair no descaso. Podemos ver no que realmente o profissional da educação acredita, não pelo seu discurso, mas por sua prática.

O processo educativo é dinâmico e não pode cair no comodismo, na repetição. O profissional da educação deve sempre pensar sobre a sua prática, sua profissão e para onde tem se encaminhado e levado seus educandos. A rotina pode ser um caminho exaustivo, por isso que ano após ano sua prática se modifica na medida em que se encontra com novas concepções de ensino que o torne autônomo e consiga trabalhar propiciando a criatividade e a criticidade.

É importante, que diante da insegurança e o medo ou de situações que possam comprometer sua prática, o educador possa encontrar um ponto para equilibrar suas emoções e prosseguir sempre em busca de seus ideais. Isto se torna impossível quando o educador não questiona sobre a sua prática, sobre a sua profissão, deixando de lado idéias, emoções, coração e a própria razão, sendo até comparado com o personagem de Charles Chaplin em "Tempos Modernos" onde o produto final de seu trabalho não é obra de seu raciocínio e elaboração, mas sim mera reprodução repetitiva cotidiana

O educador, verdadeiro *jequitibá*, sabe o que o espera quando encontra seus educandos; não os vê como se fossem tabulas rasas esperando por conhecimentos que só ele, enquanto professor, pode oferecer. O diálogo, algo que defendemos para uma educação efetiva, faz a mediação de todos os interesses dos educandos, os faz sair da *curiosidade ingênua* passando a entender o sentido real das coisas que acontecem em seu cotidiano. O educador vai trabalhar com o que seus educandos já sabem e atuar sobre aquilo que ainda não sabem, favorecendo a ampliação dos conhecimentos, a curiosidade e a construção do conhecimento de forma conjunta.

A avaliação não é uma via de mão única, por isso que o educador não pode se utilizar desta ferramenta importante, para simplificar seu trabalho. Pelo contrário, primeiramente avaliando-se, poderá entender o processo na construção

dos conhecimentos e aprendizagem. Avaliando-se será possível entender também o ritmo dos seus educandos, os principais interesses e atuar sobre eles propiciando uma relação de ensino e aprendizagem onde educadores e educandos aprendem.

Reconhecemos que o que propomos é um desafio tanto para os que estão saindo dos bancos da universidade, quanto para os que estão em salas de aula há muitos anos. A desconstrução do que conhecemos e experimentamos como educação enquanto estudantes, muitas vezes, de um modo autoritário e bancário não podem ser reproduzidas, embora sejam estas lembranças que falam mais alto. Temos que ter os pressupostos de uma educação progressista bastante claros em nossas mentes, principalmente quando ousarem nos chamar de utópicos por acreditarmos em algo que pode fazer daqueles que são considerados pobres, pequenos e fracos, seres verdadeiramente autônomos, críticos e criativos.

A educação que defendemos devolve a auto-estima de crianças, jovens, adultos que não se renderam ao fatalismo e buscam escrever sua história de sucesso e superação de dificuldades, sem se entregar a uma educação assistencialista, e que não acredita na potencialidade dos seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Papyrus, 2000.

GADOTTI, Moacir. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. São Paulo: Ática, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1981.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Jaqueline Serpa Gomes da Rocha

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Ser educador não é estar professor

ORIENTADOR(A): Angela Maria Souza Martins

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Maria Elva Lima Souza

Nota: 10,0

Considerações:

A começar pelo título, trata-se de um trabalho monográfico escrito de forma criativa, coerente e comprometida com uma educação libertária. Trata-se também de uma análise interpretativa bem feita de obras importantes de Paulo Freire. No entanto, a maior relevância dos estudos está no fato de que a autora traz reflexões fundamentais para todos aqueles que estão trilhando o caminho de educador, que de "eucalipto" quer dizer a "jequitibá".

DATA: 11/07/2009

Assinatura: Maria Elva Lima Souza

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

Nota: 10,0 (DEZ)

Considerações:

A monografia de Jacqueline apresenta uma ótima sistematização, com uma análise muito bem consistente sobre a profissão docente. Discute com muito propriedade o ser educador, a partir de autores como: Paulo Freire, Rubem Alves e Gadamer. Pelo último trabalho realizado, confirmo-lhe a nota 10,0 (dez). Ally

Data: 6/07/2009

Assinatura: Angela Maria Souza Martins

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
10,0	10,0	10,0

Rio de Janeiro, 06 de julho de 2009.

Angela Maria Souza Martins
Prof. Orientador